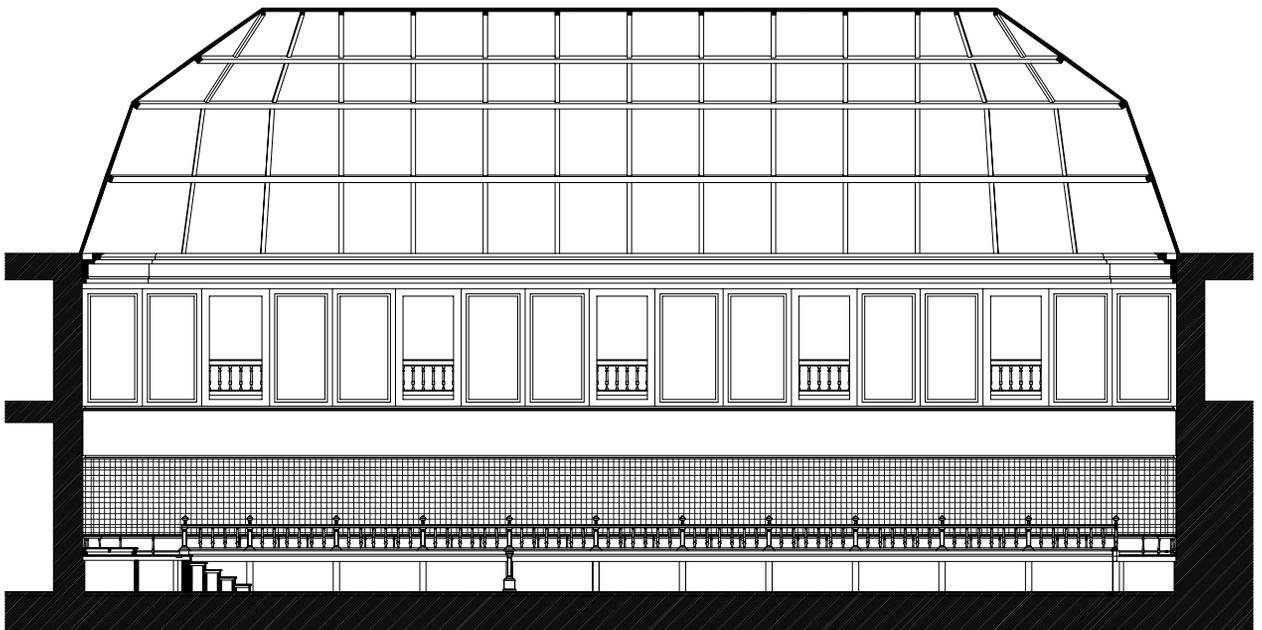


Paulo Providência  
**Um Theatro movidoço.**  
**Projectos de reforma**  
**da Sala dos Capelos**



Sala dos Capelos / Corte Longitudinal /  
A. A. Costa e S. Fernandez

Um dos aspectos mais característicos da pedagogia do Projecto de Arquitectura dos docentes do Porto é a inclusão da História da Arquitectura como matéria de aprendizagem, considerando que a História fornece aos alunos instrumentos para interpretar contextos específicos e exigentes de intervenção.

Não é de estranhar que num número da revista Joelho, dedicado ao ensino de arquitectura, surja uma reflexão sobre as propostas de requalificação da Sala dos Capelos de dois dos mais significativos intervenientes pedagógicos daquela escola, que precisamente evidenciaram o uso da História, quer como matéria de ensino/aprendizagem, quer como suporte da actividade projectual. O que resultará da análise histórica da Sala e dos projectos de Arquitectura desses dois autores, é a interpretação que fazem do contexto de intervenção, e assim do seu entendimento do papel da História no processo de Projecto de Arquitectura.

Trata-se, afinal, da compreensão dos contextos de intervenção como procedimento metodológico simultâneo ao exercício projectual.

### **De um *Theatro movidiço* a um *Theatro definitivo***

A actual Sala dos Capelos ou Sala Grande dos Actos decorre de uma reconstrução, de meados do século XVII, da Sala Grande do antigo Paço da Alcáçova (Sala para actos reais), em Sala destinada a actos públicos da Universidade.

Segundo António Filipe Pimentel (2005), o Paço sofreu extensas obras no reinado de D. Manuel I, primeiramente com Marcos Pires (pedreiro e mestre de obras da cidade de Coimbra) entre 1517 e 1522, e posteriormente com Diogo de Castilho, entre 1524 e 1533 ou 34.

D. João III transfere a Universidade de novo para Coimbra em 1537, e em 1544 inicia-se a utilização universitária do Paço, tendo-se aí instalado Frei Diogo de Murça, Reitor da Universidade, apenas 10 anos após a conclusão da Capela de S. Miguel e Sala Grande. E já em 1550 a Sala Grande é utilizada para os actos de “repetições & doctoram.<sup>tos</sup>”, como é descrito na visita que o rei faz à universidade nesse ano (Brandão, M. *Actas dos Conselhos (1537-1551)*: II, I, 274-275, *apud* Pimentel, 2005: nota 924).

É apenas com Filipe II de Espanha que é realizada a aquisição e posse definitiva do Paço pela Universidade, em 1597, um ano antes da promulgação dos Estatutos de 1598, os sextos estatutos, que são impressos e publicados em 1653 já por D. João IV, incluindo uma “Reformação” realizada 1612.

Os Estatutos de 1598 estabelecem as regras de etiqueta que se devem observar na organização da Sala Grande dos Actos em cerimónias públicas, através da prescrição “Dos Assentos”, que conjuntamente com as procissões constituem as cerimónias mais importantes onde a borla e capela eram de uso obrigatório. Nos mesmos estatutos se refere que a cerimónia de magistraturas ou doutoramento aos Teólogos será realizada na Igreja de Santa Cruz,

num *Theatro* que para o efeito se deverá montar (Universidade de Coimbra., 1987: 208).

Pelo até aqui exposto, se depreende que o *Theatro* montado na Sala Grande seria destinado às Repetições e Doutoramentos, e outras cerimónias da Universidade, e que teria uma bancada com grade periférica, seis degraus de catorze pés de largo, Cadeira a meio do espaço de bancada, e um *repartimento* com grades a dividir o espaço entre sustentante e assistência (Universidade de Coimbra., 1987: Reformação, 1612: art. 155, 324 ), a actual teia. A sala seria “armada”, nos cerimoniais académicos, com alambeis, razes, damascos.

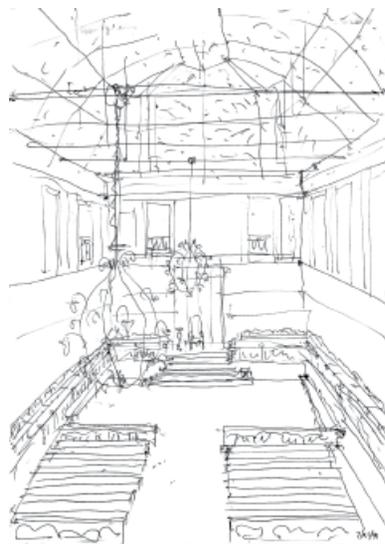
Assim a reforma da Sala Grande dos Actos, entre 1654 e 1656, com projecto de António Tavares, é a fixação espacial do *Theatro* para cerimónias académicas que já antes decorriam na mesma sala, ou que se montavam quando necessário na Igreja de Santa Cruz para as Magistraturas ou Doutoramentos em Teologia.

Pelo interior, o projecto de reforma da Sala permite a inscrição no espaço de um conjunto de valores restauracionistas, tais como a inclusão de uma galeria de retratos dos reis de Portugal até D. João IV, de Carlos Falch, pintor de Lisboa, que pela ausência da dinastia filipina acentua uma leitura patriótica e panegírica (Crisóstomo, 1998).

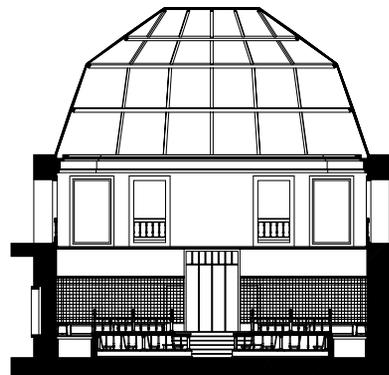
Outros aspectos da Sala são a nova execução de um tecto em brutesco (Crisóstomo, 1998), a colocação de um bancada e doutorais com grades em pau preto ou jacarandá (Smith, 1974), a colocação de cátedra, um tapete de azulejos a conformar espaldar aos doutorais (Simões & Oliveira, 1971).

A geometria interior, de uma austeridade chã, reforça a presença do tecto, de desenho complexo e festivo, e afirma-se pela clareza de alinhamentos horizontais, marcados pela bancada, tapete de azulejos, janelas altas e cornija do tecto (fig. 1). O conjunto de aberturas altas tem um espaçamento regular que permite a montagem de dois retratos formando um friso contínuo. Desta forma, o espaço encerra-se superiormente pela alternância entre retratos e janelas de sacada “suspensos” da cornija de tecto, encerramento que reforça “um mundo interior”, ou “uma representação do mundo”. A cornija divide o fantástico mundo das ideias representado pelo tecto de brutescos, e o terreno mundo do mandato régio da Universidade de onde emana a luz da Sala (fig. 2).

Mais do que uma estrutura fixa, a Sala é um *Theatro* disponível para Actos solenes, entendidos como actos de investidura, tal como considera as cerimónias de Doutoramentos Reis Torgal (1993). E nesses actos a sala deverá ser armada, quer dizer, os bancos, escabelos, e estrados colocados nos locais apropriados para as cerimónias, os damascos colocados nas paredes, os alambares sobre as grades, e a cátedra colocada ou retirada conforme as necessidades. No entanto, nada é referido sobre a colocação da Charamela na Sala Grande, problema que subsiste.



1. Sala dos Capelos / Desenho de Fernando Távora



2. Sala dos Capelos / Corte Transversal / A. A. Costa e S. Fernandez